

ALMADA

PESSOAS / CULTURA / TERRITÓRIO / DESPORTO



NÚMERO 13 | ABRIL, 2022

NESTA EDIÇÃO
BD ORIGINAL DE
NUNO SARAIVA

"HOJE TU ÉS ASSIM.
Mas, já pensaste como
serias HOJE se vivesses
como antes do
25 de Abril de 74?"

NELSON
filho da revolução
nas asas da liberdade

NOVO EDIFÍCIO DE SERVIÇOS DA CMA

Antigo edifício da EDP, vai ser renovado,
ampliado e aberto à cidade

PLATEIA D'ILUSÕES

Conheça o estúdio onde os melhores
da música, do fado ao rap, vêm gravar,
em Almada Velha

CMA -
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA



Uma equipa em festa no primeiro aniversári da revista Almada

Índice

3 EDITORIAL

Mensagem de Inês de Medeiros

4 EM ARQUIVO

25 de Abril, sempre!

6 DISCURSO DIRETO

Nelson Fortes Lima, do Bairro Amarelo até às asas de piloto da TAP

12 BD DE NUNO SARAIVA

"HOJE TU ÉS ASSIM. Mas, já pensaste como serias HOJE se vivesses como antes do 25 de Abril de 74?"

16 ZOOM

Edifício de Keil do Amaral vai receber serviços da CMA

20 RADAR

Plateia D' Ilusões, o estúdio onde as estrelas gravam em Almada Velha

23 O MEU BAIRRO

Freguesia de Almada

24 EM ANÁLISE

Inovação - As Start-up que estão a revolucionar o concelho

28 ACONTECE

35 toneladas de bens a caminho da Ucrânia
Concerto 25 de Abril - Capitão Fausto
Festival O Sol da Caparica
Caparica Surf Fest
As novas cores do Hospital Garcia de Orta

34 Nómadas digitais - novos turistas ou futuros almadenses?

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada

| Departamento de Comunicação

Diretora: Inês de Medeiros

Diretora-Adjunta: Raquel Antunes

Coordenação: Sara Dias

Consultor Editorial: Paulo Tavares

Editor de Fotografia: Luis Filipe Catarino

Redação: Charlene Izaque, Joana Mendes, Margarida Leal, Sandra Gomes e Inês Lopes

Fotografia: Anabela Luís, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Pedro Guedes e Victor Mendes

Paginação: Susana Tormenta

Impressão e distribuição: To spend with you

Tiragem: 120.000

Periodicidade: Mensal

Distribuição: Gratuita

ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º1b).

Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS:

Geral

Tel.: 212 724 000

Cabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa - 800 206 770

E-mail: almadainforma@cm-almada.pt

Site: cm-almada.pt

f @ /cmlmada

Editorial

Uma minoria revolucionária, por mais inteligente e enérgica que seja, não chega. Pelo menos em sociedades modernas, para cumprir a revolução é preciso a participação, a adesão de uma imensa maioria.

Jean Jaures, 1901.

Quando esta revista lhe chegar às mãos, Portugal terá vivido mais dias em democracia do que em ditadura. É uma data que devemos celebrar. A queda da mais longa ditadura da Europa do Séc. XX, às primeiras horas do dia 25 de abril de 1974, trouxe o povo para a rua, numa revolução quase sem sangue e hoje, 48 anos depois, estou certa de que tudo valeu a pena e de que o caminho até aqui foi, acima de tudo, de conquistas e de progresso.

Seja qual for o indicador escolhido, vivemos hoje num país mais desenvolvido, mais justo, mais solidário, mais aberto e cosmopolita, mas sobretudo mais livre. A quem tenha memória desses dias pesados, peço apenas que tente lembrar-se do que era ser Mulher antes de Abril.

Nem todos os caminhos que percorremos foram óbvios, fáceis ou eficazes. Não vivemos numa democracia perfeita, mas nenhuma o é. Aprender a viver em democracia é saber que não há uma democracia representativa plena sem o envolvimento direto dos cidadãos e cidadãs. Em democracia não se buscam seres providências, nem sistemas perfeitos. É um processo de construção permanente. Essa é, devo sublinhar, uma lição que alguns teimam em ignorar. Estar na vida política com a ação cristalizada por uma utopia, inalcançável por definição, não só é fonte de permanente frustração, como alimenta os que a combatem por temerem a vontade sempre renovada do povo.

Há ainda quem se sinta tentado a olhar para trás, para os últimos 48 anos, e só veja o que está ainda por fazer. Não

devemos confundir as imperfeições ou as injustiças com que nos debatemos hoje, com promessas não cumpridas de liberdade. As revoluções não se esgotam no dia em que acontecem, são processos evolutivos, obras sempre inacabadas. Sabemos que partilhamos os nossos principais desafios, como a desigualdade, a exclusão social ou o desemprego jovem, com boa parte dos nossos parceiros europeus. Não serão, portanto, males nascidos em Abril, mas antes resultado de anos de economias centradas no primado do lucro e um capitalismo sem rédea.

Numa revista que celebra este mês o primeiro aniversário, com uma edição dedicada à ideia de revolução, devo deixar um sinal de alerta para a revolução que agora temos de viver. O principal desafio para as próximas décadas é o combate às alterações climáticas. Esse vai ser o teste definitivo à nossa capacidade de mudança, enquanto comunidade e a nível individual. A transição energética e a diminuição drástica de emissões de gases com efeito de estufa é algo que o planeta exige. Há um inegável sentido de urgência nesta batalha e, mais importante, é vital ter a noção de que todos estamos convocados para abdicar de alguns confortos e hábitos quotidianos. Num concelho predominantemente urbano, vale a pena ter bem presentes as palavras do Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres: “é nas cidades que, em grande medida, a batalha do clima será ganha ou perdida”.

Nestes dias dramáticos de guerra na Europa, vivemos momentos em que não nos é permitido esquecer os principais desafios, nem os princípios que nos guiam. Nas redes sociais e na comunicação social,



assistimos a construções da realidade absolutamente inconciliáveis. Sabemos como as batalhas de informação e contrainformação marcam todos os conflitos, mas esperamos que todos já tenhamos a maturidade suficiente para entender que, para além de um esgrimir de posições, há sofrimento de inocentes e que há um agressor e um agredido.

Escrevo no dia em que ficámos a conhecer todo o horror do ataque russo ao teatro de Mariupol, uma cidade sitiada no sul da Ucrânia. Morreram pessoas que se julgavam a salvo na cave de um teatro com um aviso aos céus, de que ali se abrigavam crianças. Imagens que marcam pela sua brutalidade, mas também pelo seu valor simbólico. Um teatro é simultaneamente um espaço de paz e de resistência. Isso defendeu toda a sua vida um criador único que partiu - Jorge Silva Melo. Encenador, ator, cineasta, crítico ou dramaturgo, em tudo o que o Jorge Silva Melo fez, houve paixão, entrega e, também, um sentir de revolução, de mudança e de inovação. Deixa uma marca indelével no Teatro, mas sobretudo saudade e gratidão. Obrigada, Jorge.

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA



1



2



3



4

Texto de Sandra Gomes
Fotografias do Arquivo Municipal de Almada

25 DE ABRIL SEMPRE!

Quase a comemorar meio século da revolução dos Cravos, em abril recordamos alguns dos momentos históricos da primavera de 1974 em Almada. Em pontos estratégicos como o santuário do Cristo-Rei, mas também nas ruas do concelho em datas marcantes como o 1.º de Maio ou o Dia da Criança. Revisitamos esses dias de festa, em que o povo saiu de casa para celebrar, lado a lado com os militares, o fim de 48 anos de ditadura e a conquista da Liberdade.

LEGENDAS:

1 – Militares da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas, que ocuparam o Cristo-Rei, a celebrar o 25 de Abril de 1974. Arquivo Histórico Municipal CMALM, Postais, n.º 7013.

2 – Desfile de crianças nas ruas de Almada a comemorar, pela primeira vez em liberdade, o Dia Mundial da Criança em 1974. Arquivo Histórico Municipal CMALM, Postais, n.º 7014.

3 – Manifestação do 1.º de Maio de 1974. Concentração de manifestantes na Praça Gil Vicente, com destino a Lisboa. Arquivo Histórico Municipal, Coleção Vítor Soeiro, n.º 8690.

4 – Coluna de militares da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas a sair do Cristo-Rei e a passar nas Torcatas, em Almada, no dia 25 de Abril de 1974. Arquivo Histórico Municipal CMALM, Postais, n.º 7019.

5 – Manifestação do 1.º de Maio de 1974 junto à Incrível Almadense. Nos panos são visíveis reivindicações políticas e algumas bandeiras nacionais. Arquivo Histórico Municipal, Coleção Vítor Soeiro, n.º 8681.





FILHO DA REVOLUÇÃO, NAS ASAS DA VONTADE E DO ESTADO SOCIAL

Texto de Paulo Tavares
Fotografias de Luis Filipe Catarino



Cmdt. Fortes Lima, perto do Bairro Amarelo onde em criança sonhava ser piloto



Nelson Fortes Lima, no bairro Amarelo, frente à sua antiga casa

"Trata-me por tu, por favor."
Esta mensagem, recebida quando combinávamos encontro num supermercado do Monte da Caparica, a uma colina de distância do Bairro Amarelo, já dizia muito. Entre o Nelson do bairro e o Comandante Fortes Lima da TAP, há uma longa história de lutas e recomeços.

Nascido no Barreiro em 1976 e filho de cabo-verdianos de São Vicente, fintou o destino e a estatística. Até aos nove anos, a vida é um nevoeiro indefinido de memórias. Foi nessa altura, em 1985, que a mãe saiu de casa com duas crianças

"Não foi uma vida fácil, especialmente para a minha mãe, devido aos maus-tratos e à violência."

pela mão, escapando a anos de "tortura física e psicológica". Nelson conta que "não foi uma vida fácil, especialmente para a minha mãe, devido aos maus-tratos e à violência. Mas, ganhou coragem e começou do zero". Com a roupa do corpo e pouco mais, aterraram no Asilo 28 de Maio, em Porto

Brandão, e por ali ficaram cerca de um ano. "Não tínhamos água nem luz. Estive lá até aos 10 anos e foi dos momentos mais difíceis da minha vida, porque saí da minha casinha, do meu quarto, dos meus brinquedos."

Inaugurado em 1869 como Novo Lazareto de Lisboa, o enorme edifício sobre o rio servia para a quarentena de passageiros e mercadorias que chegassem de barco ao Tejo. Depois de décadas como convento e escola da Casa Pia, foi desativado em 1958, quando o desabamento de um telhado



provocou a morte a duas alunas. No pós-25 de Abril, o asilo foi reocupado por inúmeras famílias de retornados, na maioria de Cabo Verde, que o foram tricotando com paredes de tijolo ou madeira. Encerrou de vez em 1996, depois da morte de outras duas crianças.

Nelson lembra esses dias de transição entre a casa no Barreiro e o Asilo 28 de Maio como um recomeço, “da estaca zero e em condições que ninguém deseja a ninguém”. Desse tempo guarda o terror de uma imensa escuridão. “Aquilo tinha uns corredores muito compridos. Para ir

buscar água tinha de andar uns 300 ou 400 metros e começava dentro de um labirinto, às escuras. Era o pânico total para mim e para a minha irmã.”

Sentámo-nos à conversa num muro baixo, perto da janela onde a “cota Sissi”, a D. Maria, ia vigiando o filho como se fosse ainda criança a brincar na rua. Nelson olha para trás, por cima do ombro, e afirma que está ali, naquele primeiro andar, o principal pilar da história e do sucesso dele. “A minha mãe sempre acreditou, nunca desistiu.”

Pergunto por memórias da infância no Barreiro e aparece o tal nevoeiro. “Tento recordar-me, mas só vejo coisas que não quero lembrar, coisas que uma criança não deve ver.” Nelson confessa ainda que nunca tocou numa gota de álcool, outra marca desses tempos. “Não bebo porque foi um trauma que ficou de pequenino, de ver o meu pai a beber muito. Não sei qual é o sabor de um vinho, de um champanhe, de uma cerveja...”

Passado um ano, saíram do asilo e vieram parar ao Monte da Caparica, a “uma barraquinha onde só havia luz puxada, mas não havia água. Vivi seis anos ali em baixo”. A memória torna-se mais clara. “A minha mãe arrombou essa porta.

Lembro-me de um engenheiro do IGAP, que foi lá para nos despejar. Não sei se lhe tocou no coração, ver uma mãe com três crianças - nós somos três irmãos - sozinha, sem qualquer apoio. Acabou por não fazer a ação de despejo e, no final, foi ele que veio entregar a chave da casa aqui no bairro.”

Já com 16 anos, Nelson volta a viver numa casa. 16 anos e o Bairro Amarelo, que no início da década de 1990 não era propriamente um sítio livre de tentações para um adolescente. Valeu-lhe a matriarca. “Se tinha uma mãe que se sacrificava, que saía de casa de madrugada e chegava já de noite, quem era eu para me desviar do meu caminho? Quem era eu para lhe trazer tristezas ou desilusão?”

Num verão, acontece um daqueles episódios decisivos, que traçam o futuro.

“Acabei o 9.º ano e fui trabalhar para as obras. Num mês ganhei cento e sessenta contos.” Nelson soletra cada palavra.

“Com esse dinheiro, cerca de 800€, comprei todos os móveis que faltavam lá em casa.” A tentação foi inevitável. “Disse que não queria estudar mais. A minha mãe na altura ganhava 35 ou 40 contos, que era o salário mínimo e disse-me: ‘Não. Se me queres ajudar e ajudar a tua irmã, se queres ser alguém no futuro, estuda.’”

E continuou a estudar. Nascido pouco depois do 25 de Abril e com todas as barreiras que teve pela frente, Nelson é filho da revolução e, em boa parte, obra do Estado Social. “Fiz todo o meu percurso na escola pública. Fomos bolsiros do Rotary Club, uma grande ajuda. Tínhamos o SASE escalão A e sem isso seria muito complicado para a minha mãe. Ela não teria dinheiro para isso tudo - comida, livros, roupa, luz, água, gás. Um dos apoios foi este [olha para trás, para a janela do 1º andar onde espreitava a cota Sissi], foi darem uma casa à minha mãe. Foi o mais importante. Uma casa, com água, com luz... Água! Deixei de carregar água!”

“Fiz todo o percurso na escola pública, com SASE escalão A, mas o apoio mais importante foi darem uma casa à minha mãe. Uma casa, com água, com luz... Água! Deixei de carregar água!”

Com a cota Sissi - uma alcunha que lhe ficou da infância em São Vicente, porque uma amiga garantia que tinha os olhos de Isabel da Baviera, Imperatriz da Áustria - mergulhada numa luta diária, Nelson e a irmã nunca se desviaram do caminho, até porque a responsabilidade era muita. “Nós é que tratávamos do nosso irmão bebé, íamos levá-lo à creche e depois íamos para a escola. Cozinhávamos, arrumávamos, fazíamos tudo. E a minha mãe trabalhava, para trazer comida para casa.”



Para as vizinhas e amigas da mãe, Nelson é um exemplo

Nelson acaba o 12º ano e tenta o curso de piloto na Força Aérea. Entra para outra especialidade e desiste, porque “não era aquilo que queria. Se não fosse piloto, naquele momento teria de ser tropas especiais”. Concorre, entra em todas, mas escolhe ficar perto de casa, primeiro em Vale de Zebro e depois na Base do Alfeite. Concluído o curso, havia de ficar pelos fuzileiros quase uma década, sempre de olhos postos no céu, a imaginar-se piloto.

“Foi uma batalha longa, só fui piloto aos 30 anos. Estive nos fuzileiros sempre com a ideia de fazer o curso de piloto”.

A ideia, fixa, vinha dos tempos de miúdo. Ainda no Asilo 28 de Maio, a avó enviou bilhetes para a irem visitar à Alemanha. “Tinha 9 anos e a minha irmã 8. Lembrou-me de entrar no avião e de começar

logo a chorar, cheio de medo. Uma das assistentes pegou-me na mão e levou-me ao cockpit. ‘Não tenhas medo, vou apresentar-te o comandante’. Entrei no cockpit e assim que olhei para aqueles botões todos, para aquelas luzes, fez-se magia. No final, o comandante vira-se para mim, tira as asas do peito, põe aqui [toca com a mão no peito] e diz ‘tu agora é que és o comandante do voo, não precisas de ter medo’.” Essas asas haviam de perder-se na Alemanha, com a morte da avó, mas aquele gesto deu origem a tudo. “Não sei se ainda é vivo, mas aquele comandante mudou ali a vida de uma criança, para sempre...”

A teimosia havia de roer tempo e energias. “Foi uma batalha longa, só fui piloto aos 30 anos.” Passou pelos fuzileiros “sempre com a ideia de fazer o curso de piloto”. Para não estar a marcar passo, foi tirar Psicologia, mas “sempre a pedir empréstimos, sempre a tentar e nunca eram aceites, por causa da taxa de esforço, por isto e por aquilo. Quando fiz a matrícula para o terceiro ano, consegui o empréstimo e acabei por desistir da faculdade”.

O sonho veio com dívida agarrada e muito esforço. “O curso de piloto estava nos 50 mil euros. Era oficial das forças armadas, fuzileiro, ganhava cerca de 1200 euros, já



A cota Sissi à janela, a “tomar conta” do filho

casado, com uma casa, uma filha bebé e com as irmãs da minha esposa - de 7 e de 14 anos -, que adotámos depois de a mãe ter morrido com cancro. Mais despesas. Escola, roupa, comida..."

Seja karma ou seja lá o que for, Nelson terminou o curso de piloto "num tempo de vacas gordas". Concorreu à TAP e conseguiu entrar. "Nunca pensei. Já tinha 30 anos, só 200 horas de voo, acabado de tirar o curso. Normalmente, a TAP abria poucas vagas e havia sempre gajos com muito mais experiência, da Força Aérea. Mas, naquele tempo, de dois em dois meses estavam sempre a abrir vagas." A Nelson, agrada-lhe a explicação do karma. "Acredito que, quando fazemos o bem, recebemos de volta e as portas abrem-se."

"Nunca pensei entrar na TAP, tinha 30 anos e só 200 horas de voo, mas acredito que quando fazemos o bem, recebemos de volta"

A pele não é muito escura, mas os que a olham senta-na diferente. Discriminação? Sim, sentiu-a "na escola, no dia-a-dia... aqui na rua, com a polícia. Não estou a dizer que todos os polícias são racistas, porque não são, mas já fui preso aqui no bairro e levado para a esquadra. E era oficial das forças armadas. Não me identifiquei, deixei-me ir e depois cheguei lá e perguntei, 'mas porque é que eu fui preso?' Não havia razão, foi uma rusga. Depois lá me identifiquei e eles... 'Ai, senhor Tenente...' 'Senhor Tenente, o... [coloca aqui um sonoro bip]. Então e agora? Já me ameaçaram que iam bater, que faziam isto e aquilo. Agora vão lá à base, com luvas de boxe, se me quiserem bater'. Ninguém apareceu".

Já quase em fim de conversa, Nelson regressa a um passado distante e doloroso. "Lembro-me da minha mãe a chorar, no Natal. Não tínhamos árvore, não tínhamos prendas, não tínhamos

bolo e a minha mãe a chorar." Eram tempos de falta, de um frigorífico onde só havia manteiga, água da torneira, fruta e pouco mais. Nelson diz ter uma estranha cicatriz desses dias. "Gosto muito de iogurtes, como por tudo e por nada. A minha mulher diz-me que deve ser trauma. Compro imensos iogurtes, talvez porque me lembre de não os ter em miúdo. E depois - peço perdão a Deus -, alguns até se estragam porque não consigo comer tudo. Mas, lembro-me de não ter nada no frigorífico." A aproximação à pista 03 do aeroporto de Lisboa passa mesmo à vertical do

Bairro Amarelo. O miúdo, que tanto tempo passou a ver os aviões partir e chegar, voou um dia, já mais velho e já co-piloto, por cima do antigo bairro. O comandante, na cadeira da esquerda, viu-o a olhar para baixo e disparou: "Epá, isso aí no Monte da Caparica é só bandidos". Tranquilo, Nelson desmontou o preconceito: "Olhe que não é só bandidos, aqui também há pilotos da TAP". "Não há nada! Quem é que tu conheces aí que é piloto da TAP?!!" A resposta, seca, deixou o comandante sem palavras: "O Fortes Lima, comandante".



Mesmo nos tempos difíceis, Nelson nunca deixou de ter os olhos postos no céu



O 25 DE ABRIL EM BD

O desafio foi aceite sem hesitações. Nuno Saraiva, ilustrador almadense, conta nestas páginas uma história, em banda desenhada, para celebrar os 48 anos da revolução.

A biografia vem assinada pelo próprio: "Com Almada no coração e no resto, é filho, neto e bisneto de almadenses, daqueles que fundaram e ajudaram

a erguer associações, filarmónicas e clubes desportivos da cidade, hoje seculares. Ilustrador português com colaborações em quase toda a imprensa nacional à exceção do Diário da República e do Borda d'Água. Autor de banda desenhada desde os tempos d'O Independente e até antes, cartunista político hoje agarrado ao Inimigo Público,

ilustrador residente no jornal online A Mensagem de Lisboa, professor nas escolas Ar.Co e na LSD, entusiasta recente da Pintura Mural (mural com U), ex-confinado e actual militante do desconfinamento na variante desconfiada, publicou recentemente pela Pim! edições o livro "Diário de uma Quarentena em Risco".



...IMAGINA-TE: É VERÃO, JUNTAM-SE MAIS AMIGOS E VÃO TODOS DANÇAR NUM FESTIVAL DE MÚSICA COM AS BANDAS ESTRANGEIRAS QUE TU ADORAS.



SERIA UM FESTIVAL DE CACETADA! A POLÍCIA IRIA PRENDER OS TEUS AMIGOS POR ESTAREM EM GRUPOS COM MAIS DE 3 PESSOAS, POR DANÇAREM MÚSICAS PROIBIDAS DE BANDAS DE FORA E NÃO AUTORIZADAS!



TU IRIAS PROCURAR DENUNCIAR AO MUNDO AQUELA INJUSTIÇA. PARA ISSO EXISTE O FACEBOOK E OUTRAS REDES SOCIAIS. MAS NÃO PODIAS TER ACESSO À INTERNET. SERIA SÓ RESERVADA A ALGUMAS FAMÍLIAS LIGADAS AO ESTADO.



VIVENDO NUM PAÍS QUE CONTROLA A INTERNET E ATÉ OS SERVIÇOS DE STREAMING, PROCURAS DISTRAÇÃO DO CINEMA. MAS MESMO AÍ SÓ TE DEIXAM VER OS FILMES VISADOS PELA CENSURA. NADA DE ORDINARICES.



SE ÉS MULHER, TERIAS A VIDA MUITO DIFICULTADA. EM ALGUMAS PROFISSÕES NÃO PODERIAS CASAR, NUNCA. NUNCA ENQUANTO FOSSES ENFERMEIRA, TELEFONISTA OU HOSPEDEIRA.



TERIAS QUE ESCONDER AS TUAS OPÇÕES DE GÉNERO. FOSSES O QUE QUISSERES SER, A TUA IDENTIDADE TERIA QUE SER CLANDESTINA, NUNCA ASSUMIDA, CORRENDO O RISCO DE SERES PRESA OU PRESO. AS LETRAS LGBT NUNCA IRIAM CONSTAR DO TEU ALFABETO.



GOSTAS DE SEGUIR UMA YOUTUBER DIVERTIDA QUE É UMA INFLUENCER LINDA E QUE TAMBÉM FAZ TIKTOK? SE ELA É DE ORIGEM AFRICANA, ESTARIA A VIVER UM PESADELO NESTE HOJE IGUAL AO PASSADO.



PODERIA-LHE CALHAR, POR SER LINDA E DIVERTIDA, FICAR EM EXIBIÇÃO NUMA EXPOSIÇÃO DO MUNDO COLONIAL. EXPOSTA NUA E AO FRIO, COMO UM ANIMAL EXÓTICO. ACONTECEU NESTE TEU PAÍS, NO PASSADO SÉCULO.



NA ESCOLA NÃO HAVERIA TURMAS MISTAS. AGUENTAVAS NÃO PODER ESTAR COM QUEM TE APETECE TANTO ESTAR? IMAGINA O SOFRIMENTO...



AS CRIANÇAS MAIS NOVAS TERIAM QUE USAR FARDAS E SERIAM SEPARADAS POR GÊNERO. MESMO QUE FOSSES MUITO PACIFISTA TERIAS QUE MARCAR PRESENÇA EM ORGANIZAÇÕES PARAMILITARES JUVENIS, COMO A MOCIDADE PORTUGUESA.



VIVERIAS NO MEDO. TODAS AS COISAS QUE CONSIDERAS NORMAIS NO HOJE REAL, SERIAM LIMITADAS NUM HOJE SALAZARISTA. CONVIVER LIVREMENTE NUM CAFÉ, TROCAR MENSAGENS... NAMORAR.



NAMORAR DARIA MUITA! MÃO NA MÃO ERA 2,50 ESCUDOS, MÃO NAQUILO, 15 ESCUDOS, AQUILO NA MÃO 30, AQUILO NAQUILO 50, AQUILO ATRÁS DAQUILO 50 E LÍNGUA NAQUILO 150 DE MULTA COM IDA PARA A PRISÃO.



RIDÍCULO, NÃO É? E O QUE ACHAS SOBRE TE PROIBIREM DE BEBER UMA COCA-COLA? A MARCA ERA MAL VISTA POR SER UM SÍMBOLO DO ESTILO DE VIDA AMERICANO E POR FAZER CONCORRÊNCIA COM AS BEBIDAS NACIONAIS!



MENOS RIDÍCULO ERA O GRANDE MEDO EM ATINGIR A MAIORIDADE. OS RAPAZES COM IDADE DE IREM PARA A TROPA VIVIAM NO PERMANENTE DRAMA DA GUERRA COLONIAL.



PARA UMA GUERRA QUE NÃO COMPREENDIAM. MATAR, MORRER OU REGRESSAR ALTERADO PARA SEMPRE. TRAUMAS QUE AINDA HOJE, NO HOJE REAL, AFECTAM

OS SEUS FILHOS E NETOS. IMAGINAS-TE HOJE NO CENTRO DE UMA GUERRA?



SEM EXAGERO, A RÚSSIA ACTUAL DE PUTIN ATÉ SERIA UM SISTEMA POLÍTICO MAIS LIVRE EM COMPARAÇÃO COM A DITADURA DE SALAZAR, A QUE O 25 DE ABRIL DE 1974 PÔS TERMO.



A COMPARAÇÃO COM A POLÍTICA DE GUERRA DO PUTIN, A CENSURA, VIOLÊNCIA POLICIAL, A PERSEGUIÇÃO A TUDO E TODOS OS QUE SÃO DIFERENTES, LEVAM-TE A QUERER REGRESSAR AOS DIAS DE HOJE. VOLTAR A SER FILHO OU NETO DAQUELE DIA QUE NOS DEU A LIBERDADE DE... VIVER TRANQUILAMENTE.



A man in a dark coat is walking on a cobblestone path in a courtyard. The courtyard is overgrown with grass and weeds. In the background, there is a building with large, multi-paned windows. The scene is viewed through a dark, out-of-focus metal railing in the foreground.

EDIFÍCIO DE KEIL DO AMARAL VAI RECEBER SERVIÇOS DA CMA

Arq. Ricardo Back Gordon, no pátio interior do edifício EDP

Texto de Paulo Tavares
Fotografias de Luís Filipe Catarino

A antiga sede da EDP, uma estrutura dos anos 1950 assinada pelo arquiteto que desenhou o Parque Eduardo VII, o Parque de Monsanto ou o primeiro edifício do aeroporto de Lisboa, vai ser reabilitada depois de anos de abandono.

Quem por ali passar, no cruzamento entre as ruas Bernardo Francisco da Costa e Francisco de Andrade, uns 100 metros abaixo do Mercado Municipal, mal dá por ele. Está ao abandono há quase duas décadas, com as fachadas tristes, grafitadas sem arte, os portões enferrujados e boa parte das janelas sem vidro.

Nasceu em 1950, com traços do Arq. Francisco Keil do Amaral - um dos nomes de referência do Movimento Moderno em Portugal - e com a função de alojar escritórios e oficinas da União Elétrica Portuguesa (uma das empresas nacionalizadas em 1975 e que deram depois origem à EDP). Os mais antigos talvez se lembrem de lá ter ido, para pagar a conta da luz. Hoje, é habitado por pombos, gatos e outras faunas.

Entrámos por uma rampa de serviço, que dá acesso direto ao pátio interior, acompanhados pelo arquiteto Ricardo

Bak Gordon, autor do projeto para a reconversão daquele espaço. Entre a reabilitação da obra de Keil do Amaral, a construção de um novo edifício e a adaptação de outros espaços, o conjunto de edifícios - a área de intervenção

"É uma obra significativa do arquitecto Keil do Amaral que, depois de muitos anos parada e molestanda, vai ser reabilitada"

abarca boa parte do quarteirão - vai servir para concentrar uma série de serviços da autarquia, dispersos por diferentes locais e, sobretudo, para alojar o gabinete da Presidência, Vereação e um novo auditório.

Parámos à conversa num dos recantos do enorme pátio interior, quase uma praça ou um "anti-claustro", como lhe

havia de chamar Ricardo Bak Gordon. Com falta de uso desde 2004, a natureza ocupou aquele território. A calçada portuguesa esconde-se sob as ervas, algumas quase à altura da cintura, há lixo e restos de materiais desgastados pelo tempo, uma bola de futebol que algum miúdo não conseguiu resgatar e um gato a espreitar ao longe, entre a vegetação mais alta.

Apesar do aspeto de abandono do exterior, é entrando que se sente o peso da passagem dos anos, num edifício há muito sem função, sem vida. Ricardo Bak Gordon sabe que tem um desafio pela frente. "Um dos temas fundamentais que aqui temos é a reabilitação de um edifício que é, de facto, um património da arquitetura moderna. Esta é uma obra significativa do arquitecto Keil do Amaral e que, depois de muitos anos parada e molestanda, vai ser reabilitada."



© Luís Filipe Catarino



© Arquivo Municipal de Lisboa

O edifício de Keil do Amaral em 1960 (dir) e hoje em dia (esq.)



Novo projeto visto do cimo da rua Bernardo Francisco da Costa

Olhando para algumas das partes mais "molestadas" da estrutura, Ricardo Bak Gordon assume um compromisso. "Vamos ter um regresso à traça original. Há aqui partes que são muito violentas, alterações muito substanciais e essas têm de ser subtraídas, e depois, o que vai ser o caminho para a frente, vai ser infraestruturar este edifício aos olhos do séc. XXI."

Um trabalho que passa, antes de mais, por alterar a função para a qual o edifício foi pensado e desenhado. "Isto eram escritórios e oficinas da EDP, e agora vão ser os Paços do Concelho. O programa vai alterar-se, mas o que nós pretendemos é que o sabor do edifício seja reabilitado. Ou seja, vamos ter de dar uns passos atrás, para depois poder andar para a frente."

No essencial, trata-se de apagar feridas, umas mais antigas, outras mais recentes, e retomar as linhas de Keil do Amaral. Um regresso aos anos 1950, com um novo contexto que, como conta Ricardo Bak Gordon, vai recuperar a dignidade daquele espaço. "Não se trata apenas de reabilitar o património moderno, mas também trazer funções institucionais que vão ainda dignificar mais o próprio ato de reabilitar."

A ideia de desafio continuou presente na conversa. "Primeiro do que tudo, perceber como é que um edifício desta época consegue voltar a dar o seu melhor, ainda que assimilando as infraestruturas indispensáveis ao nosso presente." Não será algo de muito evidente, garante o arquiteto, porque "hoje temos exigências de conforto arquitectónico e ambiental nos edifícios que advêm de dimensionamentos, de espessuras de paredes, de climatização... ou seja, é preciso fazer esse balanço, esse encontro entre manter o sabor do edifício original, mas aceitar que ele tem de ser efetivamente muito infraestruturado".

Imaginando uma obra "entusiasmante", como a qualifica Ricardo Bak Gordon, fomos dando uns passos e falando. No olhar de quem já pensou muito aquele espaço, o objetivo é que "não haja essa ideia de exterior e interior, mas que se leia o edifício como um todo. O que faz sentido é que, num dia em que este edifício esteja novamente em funcionamento e entregue aos cidadãos, quem aqui entrar possa reencontrar o sabor do edifício original e aquilo que os anos 1950, do ponto de vista arquitectónico, nos transmitiam". Há que pensar em detalhes como "os acabamentos, a atmosfera, a iluminação, uma série de elementos que fizeram parte deste edifício na sua origem. Vamos reinventá-los de forma a que voltemos a encontrar essa combinação de tempos, mas sempre respeitando o ADN deste edifício".

Lembrando que o conceito de "folha em branco" não é algo a que os arquitetos



Pátio interior, com o novo auditório à direita, o edifício de serviços em frente e os Paços do Concelho à esquerda

estejam habituados, porque há sempre um contexto, outros edifícios ou mesmo as subtis curvas de um campo vazio, Ricardo Bak Gordon fala da paisagem envolvente. "Almada velha e esta Almada onde nos encontramos, de meados do séc. XX, tem uma série de quarteirões urbanos muito marcantes para a estrutura da própria cidade. Neste caso concreto, os quarteirões têm de facto um grande impacto, porque são territórios bastante generosos e que poderiam criar um território de confluência de várias geografias que gravitam à sua volta." E vai ser essa uma das marcas do que ali vai nascer. Um lugar de travessia, que possa ser vivido por todos. "Olhando para este quarteirão e para este espaço também como uma espécie de confluência de várias ruas que gravitam aqui à volta, achámos que era o momento certo para que este quarteirão se abrisse à cidade. Um quarteirão municipal por excelência, com vários serviços, de várias épocas e que pudesse ser atravessado e desfrutado pelos cidadãos." Sem imagens que ajudassem a imaginação, as palavras de Ricardo Bak Gordon iam desenhando sobre o que estava à nossa volta. A ideia é criar um novo espaço público, aberto a todos. "A nossa intenção é que esta praça, à qual chamamos o 'anti-claustro', porque ela tem um ar relativamente claustro, se abra no plano horizontal à cidade e não propriamente apenas ao céu. Imaginamo-la muito atravessada, muito vivida, muito

apropriada pelas populações." E irá surgir ainda um outro nível, um novo plano. "Este 'U' que temos aqui com o Keil do Amaral vai ser completado por um novo edifício, que por um lado encerra aparentemente esta espécie de praça, mas depois vai descobrir-se que ele tem um piso vazado que faz a transição entre a cota da praça e a cota do restante jardim e espaço vazio do quarteirão. É aí também que se vai criar uma grande dinâmica de relações entre o que está a montante deste grande empreendimento e que nós queremos atrair e que venha a confluir com a própria praça, que é o centro desta intervenção."

O arquiteto conta que esse novo edifício - que irá nascer em parte sobre uma robusta estrutura de betão que terá de ser demolida, no interior do quarteirão - "terá a responsabilidade de dialogar, talvez não por continuidade, mas antes por contraste. Será um edifício que procura responder ao programa, ao lugar, a essa responsabilidade de estabelecer um diálogo com este edifício do Keil do Amaral". Trata-se de um edifício "de planta livre, no sentido de que será um edifício de serviços, de escritórios, muito modernizado e que poderá e deverá ter a polivalência de se ir adaptando".

Sem assumir datas, até porque boa parte do processo não está nas suas mãos - estamos a falar de um investimento de cerca de 6 milhões de euros e de todos os meandros processuais e administrativos que isso implica -, Ricardo Bak Gordon confessa ter já uma noção bem precisa da distribuição de funções por aquelas estruturas. "Já temos uma distribuição funcional desenvolvida. Desde logo achámos que no edifício do Keil do Amaral deveriam estar as funções mais nobres, mais institucionais. Ou seja, gabinete da Presidência, Vereação e auditório - que não deve estar limitado às assembleias municipais, mas aberto a toda a comunidade."

O auditório e a praça vão ser as chaves para abrir este antigo pedaço de cidade. "Imaginamos que o auditório seja todo este piso térreo que está aqui à nossa frente, aberto sobre a praça, de modo a que as atividades culturais possam estender-se e ser acessíveis à própria praça." Para lá do funcional, da concentração de serviços, a ideia é que nasça ali, no cruzamento entre as ruas Bernardo Francisco da Costa e Francisco de Andrade, uma nova centralidade para Almada.

"O auditório será todo este piso térreo, aberto sobre a praça, de modo a que as atividades culturais possam estender-se e ser acessíveis à própria praça"



A ARQUITETURA E O ESPAÇO SONORO

No Pátio do Caseiro, no centro de Almada, há uma sala quente onde alguns dos melhores artistas nacionais gravam os seus trabalhos. Conheça o estúdio Plateia d'Ilusões.

Texto de Margarida Leal



Vasco Teodoro © Anabela Luís



Filipe Santos, Marco Reis, Edu Monteiro, Vasco Teodoro © Arlindo Camacho

Vasco Teodoro plantou um estúdio de gravação no coração de Almada em 2011. Nos últimos 11 anos, as raízes cresceram, agarraram o negócio à sua terra e injetaram oxigénio no comércio local, disseminando em cada músico e em cada produtor um novo olhar sobre o concelho. A semente foi lançada num espaço em frente à Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, onde também trabalhavam artistas como os Da Weasel. Vasco Teodoro ainda se lembra de ter lá feito "uma préprodução de um trabalho dos James [banda inglesa]". Aos 42 anos orgulha-se de ter conquistado o seu espaço na música e

também não esconde as ganas de fazer mais por este território. "Sou almadense de gema e sempre tive interesse em fazer coisas aqui."

A música a (des)construir Almada
Tozé Brito, António Zambujo, Rogério Charraz, Luísa Sobral, João Pedro Pais, Bárbara Tinoco, Ana Bacalhau ou Tiago Bettencourt. São muitos os artistas que já passaram por este estúdio, revestido a madeira, como um ninho escondido dentro do edifício azul, do arquiteto Manuel Salgado. "Há vários artistas que gostam de

trabalhar aqui e já sentem este espaço como uma casa", conta Vasco Teodoro, que acredita que a boa vizinhança também faz parte da equação. É por isso que faz questão de apresentar os artistas à cidade. Os dois locais que mais surpreendem são a Casa da Cerca ou o Jardim do Castelo, para onde o próprio Vasco costuma fugir, para "fazer o [seu] descanso de ouvidos". "A Luísa Sobral ficou maluca com o [restaurante] italiano" da Capitão Leitão, continua, lembrando o impacto destes negócios no comércio local. E dá outro

exemplo. O João Pedro Pais foi ao café em frente e "o Sr. Manuel dizia 'ah, eu servi muito a mãe do João, que é seu técnico de som".

O João ao qual se referia é sócio do Ponto Zurca, outro estúdio de gravação de Almada Velha. Mas, não é concorrente? "Zero. Já gravei trabalhos passados pelo

jogou basquete no Liberdade Futebol Clube, licenciou-se em arquitetura e chegou a trabalhar com Graça Dias e Egas Vieira, ao mesmo tempo que se dedicava à produção musical. "Até que cheguei a um ponto em que dormia três horas por dia e decidi: vou arriscar

Quando era miúdo, "juntava uns trocos para comprar um CD e a primeira coisa que fazia quando ia ouvir a música era abrir o livrinho e perceber quem é que eram aquelas pessoas". O seu nome vem agora em alguns desses livrinhos.



Rogério Charraz © Luis Filipe Catarino

João Martins", que tem outro "projeto interessantíssimo na Rua Capitão Leitão" – a loja de discos Drogaria Central. "Gosto do fator aldeia dentro desta teia urbana, cheia de gente", onde há espaço para todos.

O arquitecto da música

Dentro dos 90 m² de área insonorizada, Vasco evoca as suas memórias musicais em Almada. "Sempre tivemos muito boa programação no 25 de Abril - os Da Weasel, os Quinta do Bill, o Abrunhosa, o Fausto." Também se lembra dos concertos no Ponto de Encontro, em Cacilhas, e da "fase das bandas de garagem em que os ensaios eram festas, com várias bandas a tocar ao mesmo tempo".

Aprendeu a tocar guitarra em Almada,

numa. Não quero chegar aos 50 anos sem saber como era se tivesse feito isto. Mas quando arrumamos os sons, tecnicamente, numa mistura de uma música, tem muito a ver com arquitetura e de como o espaço é desenhado."

2022 será um ano incrível

O miúdo que cresceu a ouvir Beatles e música clássica, foi para França fazer uma formação com "o melhor *mixer* do mundo", mas confessa que "é na ação que se aprende". Tem uma ligação muito forte ao jazz e à soul, mas considera-se um ouvinte e um profissional muito eclético. "Tanto trabalho com projetos ao vivo, mais virados para a *world music*, como para o *dance hall*. E curto imenso. Também com cantautores como o Janeiro ou o Rogério Charraz. É uma maravilha poder cruzar estas diferenças da arte. É isto que acaba por ser mais interessante."



Benjamin e João Correia © Sara Hawk

A pandemia não afectou o negócio. "Sempre quis passar faturas e isso safou-me", explica o profissional que teve direito a apoios como o Garantir Cultura. "Este ano vai ser dos mais incríveis da música: muita gente esteve a trabalhar em casa e isso foi uma alavanca para ganharem o seu espaço."



Tozé Brito © Sara Hawk



Camané © Sara Hawk

Ideias de futuro para Almada

Vasco quer "fazer crescer a cultura em Almada", que não pode ser apenas "as bolhas" do festival O Sol da Caparica e do Festival de Teatro. "Adoraria juntar uma equipa de várias pessoas ligadas a esta área, do concelho, em vários campos. Uma coisa cultural, multidisciplinar e fazer coisas novas."

Acredita que os projetos culturais valorizam o território e por isso elogia o trabalho de Rodrigo Francisco, diretor artístico da Companhia de Teatro de Almada. "Não o conheço pessoalmente, mas gosto de ver pessoas que investem na sua cidade, independentemente da sua cor política, e que querem que Almada cresça." Na quinta ao lado do Almada Fórum

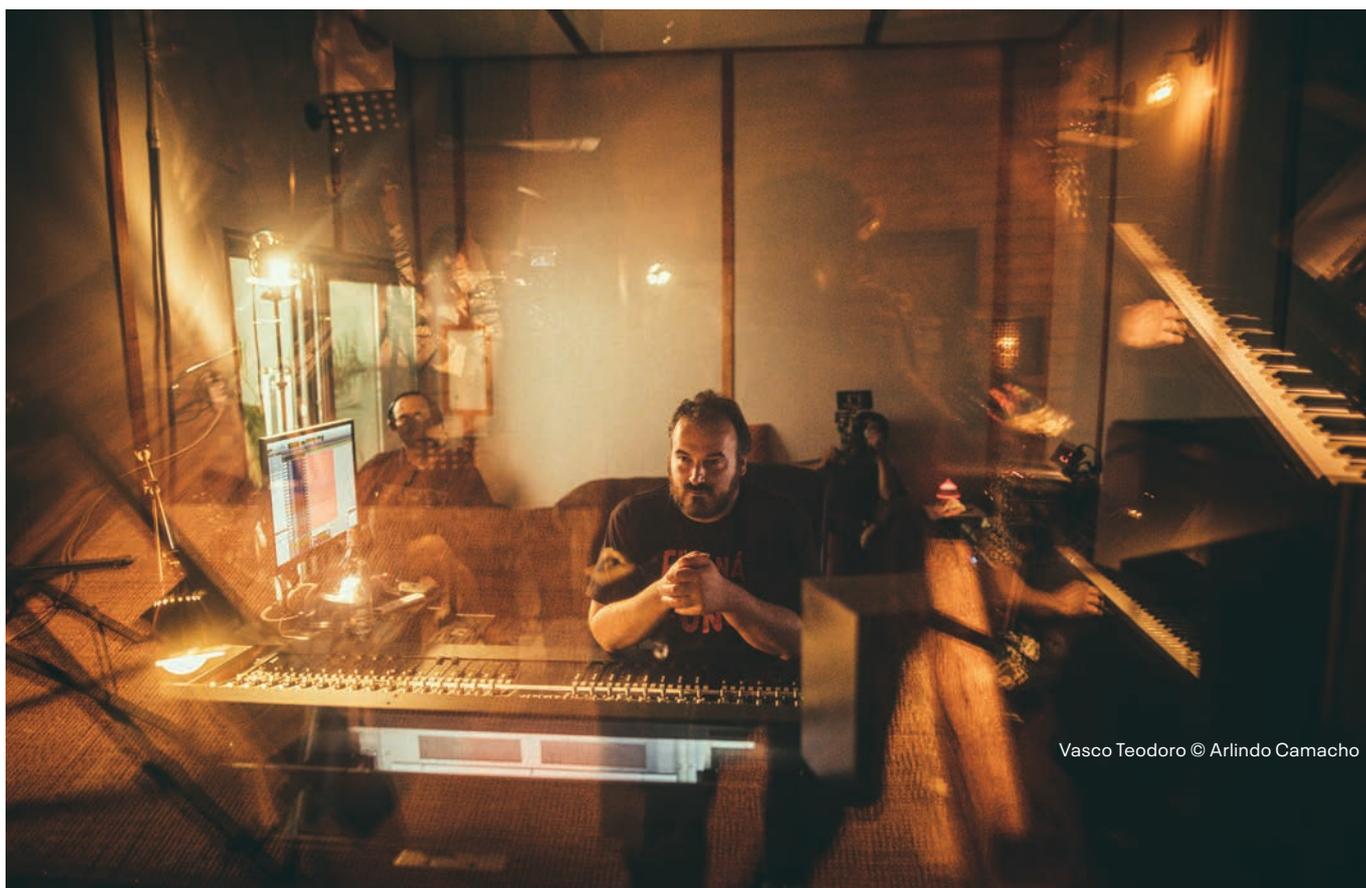
gostava de ver nascer um polo artístico "com coisas de arte, de leitura, de música, de pintura a acontecer. Aquele espaço transpira arte".

Almada pode rivalizar com Oeiras

"É importante as autarquias apoiarem os artistas. E não sempre nos mesmos", sublinha o produtor responsável por trazer para a Charneca de Caparica o festival Jazz nas Villas. O projeto é da empresa lisboeta com a qual colabora há sete anos, a NCS, conta com o apoio da CMA e da Junta de Freguesia Charneca de Caparica e Sobreda. Ocupou o Solar dos Zagallos na primeira edição e com a pandemia expandiu-se para os sete hectares do Parque Multiusos

da Sobreda, na Quinta do Bom Retiro, onde pudemos assistir a concertos emblemáticos como o de Camané com Mário Laginha. "Estava cheíssimo. Ficaram pessoas cá fora."

Agora, espera que cresça. "Tem todas as condições para rivalizar com o Cool Jazz [Oeiras]. O parque é brutal, dá para fazer mil e uma coisas e projeta o concelho, mostrando que Almada não é um dormitório." Neste estúdio acolhedor, onde não faltam um sofá e um gira-discos, a par de material de topo para retirar o melhor som de cada projeto, sentem-se as ideias embrionárias que Vasco quer fazer acontecer na sua cidade. "Se fizesse um festival com todos os artistas que já passaram por aqui era um dos melhores festivais de música portuguesa."



Vasco Teodoro © Arlindo Camacho

A origem da freguesia de Almada remonta ao ano de 1190, através de um foral régio atribuído pelo rei D. Sancho I. Uma freguesia, sede de concelho, repleta de História e da qual fazem parte as zonas mais antigas da cidade.



LUÍS DIAS / 50 anos

"Sou residente em Almada há 50 anos, nascido e criado na rua Doutor Manuel Lourosa", conta-nos Luís, enquanto almoça com os amigos num café da Avenida do Cristo Rei. O ambiente era alegre e divertido, enquanto Luís e os companheiros partilhavam histórias e memórias da cidade de Almada durante a sua infância.

Luís Dias nasceu e cresceu junto ao Cristo Rei, um monumento que conhece bem e que lhe traz memórias da juventude. Os pais eram também Almadenses e talvez por isso Luís não se vê a abandonar a cidade assim tão cedo, "sinto-me bem em Almada, sinto-me feliz. Não mudaria para outra cidade".

A sua vida esteve desde sempre ligada ao concelho, onde iniciou a vida profissional há quase trinta anos, enquanto funcionário público. Tem dois filhos e gosta de passar os tempos livres com eles e com os amigos, quer seja à conversa num bom café, ou em passeios pelo Cristo Rei, Parque da Paz e Cacilhas, zonas que afirma serem as mais bonitas da cidade. "Adoro viver em Almada, é a minha terra!"



HERMÍNIA SOARES / 64 anos

"Nascida e criada em Almada", Hermínia Soares dedicou a vida ao concelho onde sempre viveu. Reformada há dois anos, recorda os anos de trabalho ao serviço da Câmara Municipal, numa profissão que admite que sempre gostou de fazer. Hoje, aproveita o tempo livre para passear e visitar as exposições e espetáculos que a cidade tem para oferecer.

A sua mãe era almadense e Hermínia nasceu e cresceu bem no centro da cidade, na Rua Conde Ferreira, onde morava com os pais. A infância foi passada a brincar pelas ruas de Almada velha e a aprender a ler e escrever na escola com o mesmo nome da sua rua, Escola Conde Ferreira.

"Sempre gostei de Almada e acho que não me via a viver noutro sítio." A vida de Hermínia está profundamente ligada ao concelho onde viveu, cresceu, trabalhou e onde criou o filho, que também construiu a vida na cidade. Destaca sobretudo a evolução da cidade, que tem vindo a testemunhar ao longo da vida, bem como as inovações e obras que têm sido feitas. "[O concelho] está muito evoluído. Da minha infância para agora está muito evoluído."



EMANUEL GONÇALVES / 44 anos

"Nasci em Lisboa mas sempre vivi em Almada", afirma Emanuel acompanhado pela mãe enquanto bebiam café no centro de Almada. Ao longo da conversa, a cumplicidade entre ambos era notável, ao recordarem as suas próprias experiências e memórias do concelho.

"Os meus pais vieram do Alentejo, mas já moram em Almada há 60 anos." Foi em Almada que Emanuel cresceu e construiu a sua vida.

"Gosto de viver em Almada, por isso é que nunca deixei de viver aqui."

Nos seus tempos livres, Emanuel gosta de ir ao teatro com o filho, Gabriel, e de passear pelas zonas mais emblemáticas da cidade, como o Cristo Rei, Cacilhas e os parques do mercado da Romeira e Ramalha.

No entanto, Emanuel considera que o futuro de Almada deverá passar também por uma maior aposta na atração de empresas, que se fixem na cidade e gerem emprego e oportunidades aos futuros almadenses. "As pessoas gostam de morar em Almada, mas faltam aqui oportunidades de trabalho."

CELEBRAR A REVOLUÇÃO PODE SER CELEBRAR O FUTURO?

Texto de Charlene Izaque
Fotografias de Anabela Luís

Será que a revolução continua, sempre que nos deparamos com a possibilidade de criar, transformar e inovar, ou a Revolução acabou em 1974?

É tão verdade que a Revolução de Abril marcou o início da vida democrática em Portugal, como o facto de estas quatro empresas - Albatroz Digital, STAB VIDA, ALVA-Filmes com Asas e CO LAB REBOTTLE PRINTSOLID -, terem tirado partido da livre iniciativa e do empreendedorismo, para se consolidarem no concelho.

Fomos ao encontro das primeiras duas empresas, a Albatroz Digital e a STAB VIDA, sediadas no Madan Parque. Este espaço colaborativo de ciências e tecnologia, próximo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

(FCT- UNL), desempenha um papel de interface entre o mundo académico e as empresas.

“Eu e o meu sócio Nuno Leite sempre estivemos ligados à área das novas tecnologias”, apresenta-se assim Carlos Santos, o diretor executivo da Albatroz Digital. Carlos tirou o curso na FCT, de engenharia eletrotécnica de computadores, e Nuno tem formação na área da informática. Para Carlos Santos, o Madan Parque tem um “valor inquestionável”. Estarem associados ao mundo académico e ao desenvolvimento tecnológico é um “bom cartão de visita”.

Formalmente, desde 2013 que a empresa se dedica às áreas da consultadoria, comunicação, construção de soluções e oferta de serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para *web* e *mobile*. Trabalham para o setor público. As autarquias, juntas de freguesia, empresas públicas e organizações não governamentais são os clientes diretos. O diretor não tem dúvidas quanto ao posicionamento da empresa.



ALBATROZ DIGITAL - À esquerda, Carlos Santos. À direita, Nuno Leite.

O "farol" da Albatroz Digital é a "promoção da inclusão social, do exercício da cidadania e da democracia participativa", uma vez que trabalhar para o setor privado e numa lógica de venda *online*, "já há muitos que o fazem".

Carlos Santos afirma que o fator diferenciador da empresa passa pela experiência e por conhecerem "muito bem" a realidade do seu público-alvo, dominarem os temas a comunicar e a "clara noção de ganhos". Acreditam que na área das TIC todos ganham com uma lógica de trabalho eficiente, no "tempo certo". Seguros da importância de se envolverem ativamente na vida da comunidade, Carlos revela que estão a desenvolver uma plataforma *online* para a Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral. Compilar, tratar e analisar os dados é o desafio. Pretendem criar um repositório central para médicos e cuidadores, independentemente da sua localização geográfica. Assim, o recurso tempo é otimizado, permitindo que a informação não "gravite por papéis, e-mails e complexas folhas de Excel".

Das TIC, passemos para um universo igualmente ligado à informação, mas na área da genética. A STAB VIDA é uma empresa com 22 anos que soube adaptar-se. Carla Clemente, responsável pela área da implementação de novos serviços e produtos, conta que antes da pandemia, dedicavam-se à sequenciação de ADN. Com o contexto pandémico, "foi posta em cima da mesa a possibilidade de desenvolver um produto novo. O Doctor Vida Pocket". Uma nova tecnologia que permite diagnosticar a Covid-19 em 40 minutos, com uma fiabilidade de 96%, mantendo o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica e a Direção-Geral da Saúde informadas. A característica inovadora é a portabilidade do pequeno aparelho e o facto de comunicar, em tempo real, todo o processamento dos resultados, através de uma aplicação de telemóvel.

Carla Clemente garante que "é muito semelhante ao que se passa num laboratório", mas com o benefício extra de funcionar em áreas mais isoladas. A energia elétrica não é necessária. O Doctor Vida Pocket pode ser ligado a uma bateria portátil. A longo prazo, o objetivo é "levar esta solução para o cliente singular", visto que apenas técnicos de saúde habilitados podem manusear o aparelho. Contudo, a necessidade de fomentar o aperfeiçoamento está no ADN da empresa. "Na STAB VIDA apostámos na mudança e investimos em inovação", responde Carla Clemente, sobre se arriscam o suficiente. "Já sabemos fabricar. Tivemos formação e ganhámos novas competências", reforça. Em Portugal, a produção de dispositivos médicos não é muito comum e a empresa acredita que a componente de fabrico e a rede de sinergias com parceiros, na área da informática e eletrónica, é o que os distingue dos demais.



STAB VIDA

1 - Demonstração do processo de fabrico.

2 - Tecnologia portátil - Doctor Vida Pocket.

3 - Carla Clemente. Responsável pela área da implementação de novos serviços e produtos.

Mas, não são só os universo da física e da química que procuram a distinção. No Núcleo Empresarial de Almada Velha, incubadora municipal de empresas, existe uma produtora audiovisual, que desde 2017 ganhou asas procurando



ALVA - Filmes Com Asas. Patrícia Alvarinho e João Batista

diariamente os melhores voos. Patrícia Alvarinho, licenciada em Audiovisual-Multimédia e João Batista, que tem formação de *chef* de cozinha, são os rostos da ALVA - Filmes Com Asas. Patrícia aprendeu muito do que hoje sabe numa pequena STARTUP, mas sempre teve o "bichinho empreendedor". Desejava ter "uma marca que refletisse aquilo que era capaz de fazer". João percebeu que o "stress das cozinhas" não era para ele, tendo dedicado os seus sentidos a uma nova arte.

A ALVA resulta das diferenças e semelhanças entre os seus sócios. Patrícia domina a componente vídeo e edição e João, que também é músico, garante a sonoplastia. O cuidado com o detalhe é sentido a dois. Desenvolvem trabalhos de *livestreaming*, fotografia, vídeos promocionais, *design & packaging*, animações infográficas 2D, entre outras soluções. A rede de clientes vai desde pequenas a grandes empresas. As ideias são concretizadas, na sua maioria, a quatro mãos. Uma dedicação conjunta que exige muitas horas de trabalho e os mais diversos recursos tecnológicos. A constante readaptação é condição nesta empresa. "Sempre que investimos em novos equipamentos, temos de investir em formação e mais espaço de memória. Se há uns tempos trabalhávamos com *gigabytes*, hoje são *terabytes*", desabafa Patrícia com um sorriso no rosto e consciente do investimento exigido. João reforça que tudo vale a pena, porque o principal objetivo é "fazer chegar da melhor forma possível a mensagem". A propósito de "mensagem", esse é o nome do vídeo promocional da ALVA - Filmes Com Asas. Uma produção filmada em Viseu, a "aldeia natal" de Patrícia e João,

que procura traduzir a crença dos dois empresários, no valor de "bem comunicar".

Desenhar novas oportunidades de forma colaborativa e tendo por base uma hábil comunicação entre pares, também é prática no Quarteirão das Artes, incubadora municipal de empresas, vocacionada para as indústrias criativas. Dentro do estúdio N.º 10, vai fazer três anos que a CO LAB REBOTTLE PRINTSOLID ganha diariamente forma. Luís Vaz, português, Shani Almagor, israelita, e Samy Hamidouche, argelina, têm negócios "a solo", mas decidiram unir ideias e instrumentos de trabalho. No estúdio, é sentida uma harmonia técnica de dimensão intercultural. "O meu *core business* é a prototipagem e pequenas produções", explica Luís Vaz, desenhador técnico e criador da marca Iprintsolid. Pequenas e médias empresas procuram-no por conhecerem o seu nome e técnica. Prefere não investir em marketing. "Para já, o passa palavra chega." Os seus conhecimentos na área da modelagem, impressão laser e 3D, são considerados uma "preciosa" ajuda pelas suas parceiras de negócio. Luís afirma que a impressão 3D, com a possibilidade de idealizar uma peça e produzi-la no momento "a baixos custos e sem recorrer a um processo moroso, é fantástica". "Descobrir como se faz" é parte do seu método, acreditando que a formação não é tudo e que "informação não é conhecimento". A Rebottle, marca que a designer Shani desenvolveu, por se ter "perdido de amores" pela cortiça portuguesa, ganhou uma estética aperfeiçoada com a técnica de impressão a

laser de Luís. Era importante imprimir em formato redondo. Shani comercializa garrafas forradas a cortiça, que podem ser personalizadas. O produto "ecológico, local, isolante e resistente à água", pode ser comprado *online*, em feiras e em mercados específicos. A jovem empreendedora diz-nos que é importante "não ter medo de falhar", sentindo-se orgulhosa pela aceitação que o produto teve.

"Na história de Almada, há um passado muçulmano e judeu", começa por dizer Samy Hamidouche, como se de uma profecia



1

se tratasse. É notória a sintonia e a amizade pela sua parceira judia, Shani Almagor, com quem está a desenvolver a marca Kozzi. Produzem camas de rede sustentáveis. Formada em marketing, rendeu-se a um velho apelo para mudar de vida. Veio para Portugal para estar dedicada à manufatura de produtos de decoração. Nesta colaboração a três, também está dedicada à produção de velas com cera de abelha e de soja, bem como à construção de candeeiros de madeira e de metal. "O protótipo que servirá de base para as velas, está a ser trabalhado por Luís Vaz." As palavras cooperação e empreendedorismo já não são protótipos nesta união. São antes ações que geram oportunidades. "A pandemia e agora a guerra na Ucrânia, ensinam-nos a usar da liberdade que temos para arriscar, e se necessário, recomeçar", diz sem hesitar Samy, sentindo que à sua escala, passo a passo, realiza a sua revolução.

CO LAB REBOTTLE PRINTSOLID

- 1 - Luís Vaz
- 2 - Samy Hamidouche
- 3 - Máquina laser, que corta e grava
- 4 - Shani Almagor



2



3



4



© Luis Filipe Catarino



Marta Ruxa © Victor Mendes

MAIS DE 35 TONELADAS DE BENS PARA A UCRÂNIA

Texto de Margarida Leal

Assim que a guerra começou, Almada mobilizou-se para ajudar. O Serviço Municipal de Proteção Civil, apoiado por um corpo de voluntários, coordenou esta missão de apoio, que já permitiu enviar 35 toneladas de bens essenciais, doados por empresas, municípios e instituições do concelho.

As mãos de Sofia Saro, voluntária pela primeira vez, já dobraram um sem fim de peças de roupa, de homem, mulher e criança. Tentou não pensar muito quando as mais pequeninas lhe apareciam. "Não consigo imaginar", diz enquanto muda rapidamente de assunto. Tem 35 anos, um filho com 14 e a certeza de que "tinha de fazer alguma coisa".

É uma das 40 pessoas que diariamente vêm ajudar a equipa do Serviço Municipal de Proteção Civil (SMPC), na coordenação da resposta de Almada à crise humanitária na Ucrânia. Vem duas vezes por semana ao pavilhão desportivo dos Bombeiros Voluntários da Trafaria, por agora transformado em centro de logística.

Espírito de missão

Aqui chegam todos os bens doados pela população, escolas, empresas e instituições. Aqui se faz a triagem, a separação, a embalagem e rotulagem das caixas em português e ucraniano. Aqui se carregam paletes para dentro dos camiões, que hão de percorrer os

mais de quatro mil quilómetros, que unem Almada e Ucrânia.

"Desde o início da pandemia que não paramos", conta Carlos Narciso, um dos 12 elementos da Proteção Civil. Trabalhou 20 anos no INEM e integrou há cinco anos o SMPC, fundamental na resposta à crise. Garante que todos os elementos mantêm um espírito de missão forte, até porque é essa a natureza do serviço e este é só mais um desafio. "Sabíamos que iríamos ser chamados. Foi arregaçar as mangas e trabalhar." Mas não estão sozinhos.

A garra das Panteras

Além dos voluntários civis, o SMPC conta com 44 Panteras, um grupo de voluntários constituído para apoiar alguns projetos. Marta Ruxa é uma delas.

"Almada organizou-se de forma muito rápida e eficaz", garante. Além de dar apoio aos voluntários civis, para que o trabalho seja mais eficiente, esta pantera participa em todas as tarefas definidas para o dia. Hoje é preciso montar caixas de papelão, para que amanhã o pessoal possa embalar o material que continua a chegar ao centro.

"Ser voluntária faz-me sentir útil" e aqui, "quando estou na seleção, revejo-me muito nos outros". Explica que pensa "na cadeia toda", desde quem doa, até quem recebe as latas de comida, quem se vai proteger do frio com estas roupas quentes, quem está a precisar de produtos de higiene ou de material médico.

Empilham-se as caixas e, à medida que se avolumam, cresce também a esperança de todos os que aqui colaboram: quando chegarem ao destino, vão fazer a diferença. O turno acaba às dez da noite e Sofia vai trabalhar numa empresa de informática, onde assegura as noites. Marta regressa a casa porque amanhã volta ao papel de engenheira do ambiente, em Lisboa, enquanto Carlos e os 12 elementos da equipa continuarão em prontidão.

Primeiro passo para ajudar

"Assim que se verificou esta situação de guerra, a Câmara Municipal de Almada começou a trabalhar", garante a vereadora Teodolinda Silveira. A primeira preocupação foi organizar o



Sofia Saro © Victor Mendes



Carlos Narciso © Victor Mendes

envio dos bens essenciais, pedidos pela embaixada da Ucrânia. A prioridade passou pela mobilização dos recursos locais, sempre em articulação com as respostas dinamizadas pelo Estado Central. Procurou-se envolver as instituições particulares de solidariedade social, as juntas de freguesia, as empresas de transportes, a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal - entre outras entidades - com o objetivo de encontrar apoios para alojamento, refeições, emprego, escolas, apoio social e aulas de português para os refugiados que cheguem a Almada. Para já, a autarquia assegura 59 camas no Caparica Sun Centre, para o acolhimento temporário de emergência. Criou ainda uma linha de contacto, gerida pelo Departamento de Intervenção Social (sosucrânia@cma.m-almada.pt), que

permite a qualquer município ou entidade obter esclarecimentos, sinalizar situações ou disponibilizar apoios. Associada a esta linha existe uma equipa municipal com técnicos de várias áreas, que fazem o encontro entre os pedidos de ajuda e as ofertas de apoio, articulando com diferentes entidades e fazendo o encaminhamento das necessidades (emprego, saúde, educação, aulas de português, apoio social). Semanalmente, em sessões de trabalho coordenadas pelo SMPC e com a participação de equipas da área do emprego, da saúde e da segurança social, para além das equipas municipais, são feitos balanços das situações em acompanhamento. Para apoiar cidadãos ucranianos que nos cheguem, o primeiro passo "deve obrigatoriamente passar pelo Serviço

de Estrangeiros e Fronteiras e Alto Comissariado para as Migrações", que estão reunidos numa única plataforma, que permite atribuir, no momento, cartão de saúde, de segurança social, inscrição no centro de emprego e um visto válido por um ano. Assim "são cidadãos de corpo inteiro".



Teodolinda Silveira © Luis Filipe Catarino



© Victor Mendes



CONCERTO DO 25 DE ABRIL

CAPITÃO FAUSTO EM ALMADA NA NOITE DA LIBERDADE

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de Anabela Luís

Estivemos à conversa com Domingos Coimbra e Tomás Wallenstein, dois dos elementos do quinteto integrado também por Francisco Ferreira, Manuel Palha e Salvador Seabra. Com "Boa Memória" evocaram a liberdade de cantar sem censura, o que pensam e o que sentem, conquistada em 1974. E lançaram um convite: Venham celebrar o 25 de Abril em Almada. "Vai valer a pena."

Revista ALMADA – Que balanço fazem destes primeiros 10 anos de percurso musical?

Domingos Coimbra (DC) – O balanço é muito positivo. Em 10 anos fizemos muitas coisas em várias áreas. É motivo para ficarmos satisfeitos e queremos fazer mais nos próximos 10.

Tomás Wallenstein (TW) – Olhar para trás e pensar que já passaram 10 anos é um bocadinho nostálgico. Temos



© Anabela Luís

ABRIL ARRANCA COM O CAPARICA SURF FEST

As praias urbanas do Paraíso e do Dragão Vermelho, na Costa de Caparica, são palco de mais uma edição da prova do circuito mundial de Surf, de 5 a 10 de abril.

Ao longo de seis dias, alguns dos melhores surfistas do mundo participam no maior e mais internacional evento desportivo do concelho.

Dedicado ao Surf e às principais modalidades associadas ao mar, o festival desportivo incluiu uma prova de categoria QS 3.000, na vertente masculina, e uma prova feminina de categoria QS 1.000. O WSL Qualifying Series é o circuito mundial de qualificação que apura os dez melhores surfistas do ano para a principal divisão.

B R E V E S

muitas memórias e muitas histórias (...) dos vários discos que compusemos, dos concertos especiais que montámos...

DC – ... como o concerto com a Orquestra das Beiras, em 2020, o de homenagem a Syd Barrett em que tocámos Pink Floyd, a Banda à Solta que fizemos nas ilhas da Ria Formosa, tocar com o Luís Severo, com os Terno, a gravação do último disco em São Paulo, a criação da nossa editora a Cucamonga...

Como definem a vossa sonoridade?

TW – Somos uma banda de cinco pessoas, tocamos música e fazemos coisas à volta da música. Acho que isso é a melhor maneira de nos definir. Claro que não somos um conjunto de música antiga nem uma orquestra. Somos uma banda de instrumentos eletrificados...

DC – ...em que há um caldeirão de influências onde entra tudo.

TW – Fazemos canções. Não só, mas principalmente.

DC – A melhor forma que temos de explicar a alguém a nossa música é essa pessoa ir a um concerto e ouvir o que estamos a tocar, aí não precisamos de palavras para explicar. As pessoas percebem imediatamente. Isso é o ideal.

TW – É uma moradia unifamiliar onde pode viver muita gente. Um dia pode lá viver a Édith Piaf, o Elvis, o Roy Orbison e o Bernstein, mas noutro dia podem lá viver o Bach, a Dua Lipa e a Rosalía... Há espaço para tudo.

Vão atuar em Almada no concerto do 25 de Abril. Que significado tem esta data emblemática?

TW – É inegável, para o país em que vivemos é um dia muitíssimo importante. Para a nossa geração – eu nasci em 1989 e o Domingos em 1991 – existe um exercício maior de nos recordarmos de algo que não vivemos. De interiorizarmos e não darmos a democracia como adquirida.

DC – Músicos da velha guarda que fomos conhecendo tinham músicas que pura e simplesmente não podiam ser lançadas. Só por aí, o ato de dar um concerto, de se juntarem pessoas para ouvir música, para existir uma troca cultural, é de uma importância extrema. E isso só acontece por causa desse dia histórico. Quando uma banda ou um artista sobe ao palco num dia como o 25 de Abril o ato de o fazer já é uma homenagem, porque simboliza a liberdade de expressão, a liberdade criativa.

Como convidam as pessoas para o vosso concerto?

DC – Convidamos toda a gente que tenha interesse na música

dos Capitão Fausto para um reencontro, para um abraço nostálgico, para celebrarmos a liberdade e para estarmos juntos novamente a partilhar cultura, amizade, alegria. Queremos muito fazer parte dessa festa.

Na noite de 24 de abril todos os caminhos vão dar à Praça da Liberdade. As celebrações começam às dez da noite, com a atuação da Carminho. À meia-noite, o céu ilumina-se com um espetáculo de fogo de artifício e sobem a palco os Capitão Fausto. Descubra na Agenda toda a programação que celebra os 48 anos da revolução de Abril.



O SOL DA CAPARICA REGRESSA EM AGOSTO

De 11 a 15 de agosto, o Sol volta a ouvir-se no Parque Urbano da Costa da Caparica. António Zambujo, Calema, Ana Moura, Bárbara Bandeira ou Richie Campbell são alguns dos artistas já confirmados para a sétima edição deste festival de verão dedicado à música de expressão portuguesa, uma iniciativa da Câmara Municipal de Almada, produzida pelo Grupo Chiado. Este ano, para além de um dia extra, há também comédia, com Fernando Rocha, Aldo Lima, Gilmário Vemba e Hugo Sousa, e um novo palco dedicado à música eletrónica. Os bilhetes estão já à venda nos locais habituais.

B R E V E S

PROFISSIONAIS DE SAÚDE E UTENTES HOMENAGEADOS COM MURAL NO HOSPITAL GARCIA DE ORTA

Texto de Inês Lopes
Fotografias de Anabela Luís

A chegada ao Garcia de Orta ganhou novas cores. Um muro no acesso ao hospital foi pintado por quatro artistas urbanos, numa homenagem aos profissionais de saúde, aos utentes e a Garcia de Orta.

Inaugurado em 1991, este é um dos maiores hospitais do país, servindo atualmente uma população de cerca de 350 mil habitantes dos concelhos de Almada e Seixal. O nome foi oficialmente decidido em 1989, em homenagem ao médico português do séc. XVI, pioneiro na área da botânica, farmacologia e medicina.

O mural artístico integra as comemorações do 30.º aniversário do Hospital, assinalados no passado dia 16 de dezembro, e



pretende homenagear profissionais e utentes da unidade hospitalar, bem como melhorar as condições do espaço exterior. Para a execução do mural, a direção do hospital convidou os artistas locais Vasco Maio, Ricardo Wokx, Manel Alma e Miguel Ângelo Nurti.

Os temas pintados no mural foram sugeridos pelo Hospital e os artistas incorporaram na obra vários conceitos e ideias, desde a esperança e superação, ao amor, à coragem e investigação, passando também pela figura de Garcia de Orta. Segundo Vasco Maio, «o que nós quisemos aqui retratar foi um ciclo, desde que se nasce até que se morre. Foi uma ideia de que o fim acaba por ser o início e o início acaba por ser o fim. E, claro, toda a ideia de investigação feita pelo Garcia de Orta, muito baseada na botânica, também foi um ponto de partida». A arte apresentada no mural baseia-se assim na ideia de um círculo contínuo que se complementa e multiplica através de formas fractais. Ao longo do mural os visitantes do hospital podem também apreciar a transposição de uma visão geral para uma visão micro celular, através dos vários elementos que se encontram expostos. Alguns desses elementos podem ser vistos em pormenores como a pata do tigre, que remete para a ideia de coragem e de perseverança ou, por exemplo, a serpente que tradicionalmente representa a farmácia. A administração

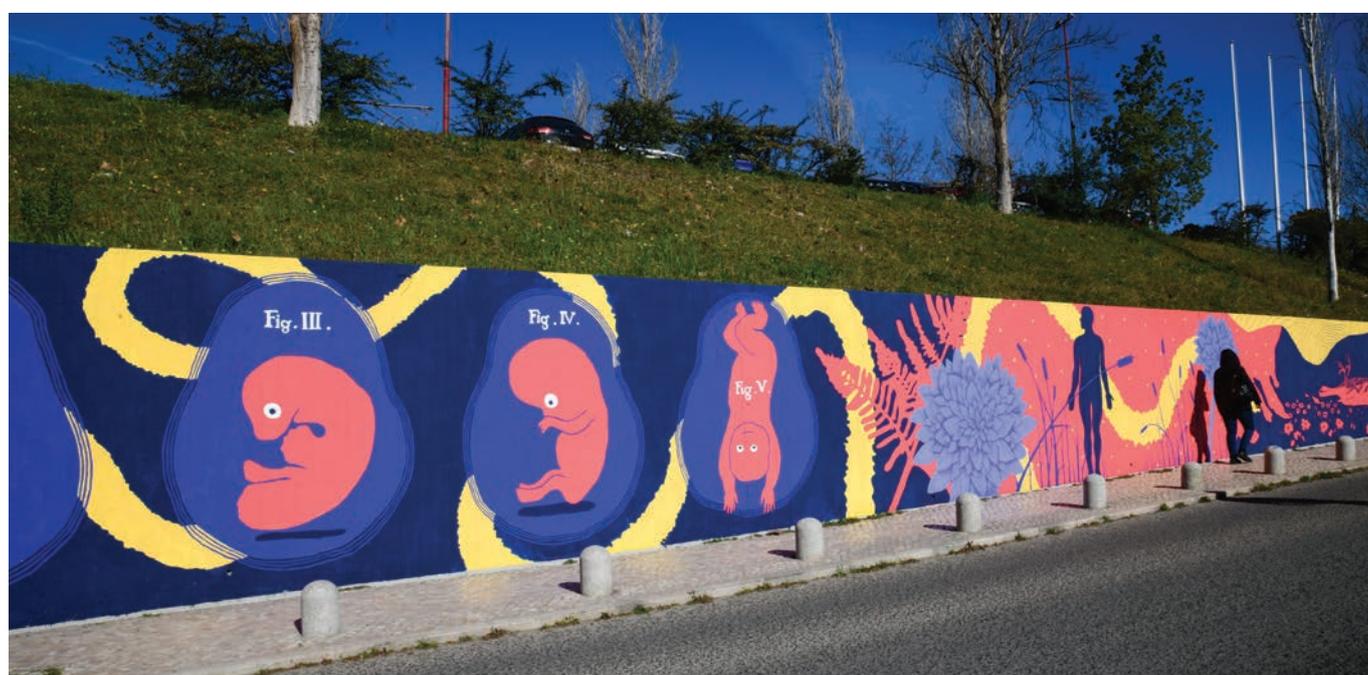


do Hospital afirma, em comunicado, que «a leitura destes ciclos, a metáfora da vida e natureza, como a conhecemos com padrões de repetição e diversidade infinita bem com os elementos de ciência e o seu estudo fazem parte da proposta basilar e da harmonia da ideia do ciclo».

A intenção desta obra é trazer uma nova vida à entrada deste espaço pilar da comunidade e, através da arte urbana, homenagear os profissionais de saúde e todos os utentes

que estão ligados à história deste hospital. Para Vasco Maio, «a ideia é fazer com que cada pessoa que visite o hospital consiga pelo menos esboçar um sorriso na entrada e trazer um pouco mais de alegria, seja à pessoa que vem por motivos menos bons ou por motivos bons».

Quem passa pelo hospital atualmente não fica indiferente ao grande projeto artístico que se ergue no seu muro e que traz alegria ao espaço.





NÓMADAS DIGITAIS - NOVOS TURISTAS OU FUTUROS ALMADENSES?

Há uma comunidade de nómadas digitais em crescimento na Costa da Caparica. São jovens e chegam em busca de sol e mar. Trabalham à distância para empresas internacionais e alguns querem desenvolver projetos próprios. Uma oportunidade para dinamizar e tornar o nosso território cada vez mais “de muitos”.

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de Victor Mendes

Héloïse Baudienville, 38 anos, é uma das mais recentes nómadas digitais a residir na Costa da Caparica. Durante mais de uma década trabalhou para algumas agências internacionais de marketing e publicidade, em Paris e em Sidney, onde se apaixonou pelo sol e o mar. Há dois anos, decidiu mudar de vida. "Estava cansada de viver numa grande cidade, com um ritmo de trabalho muito exigente e um elevado nível de stress. Queria viver perto da praia, num local onde pudesse fazer surf e que não fosse muito distante da minha cidade natal – Paris." Voltou a estudar. Hoje é *coach* certificada e ajuda outras pessoas a encontrar o seu caminho "para uma vida profissional e pessoal plenamente realizada". Conhecemos Héloïse no almoço semanal organizado pela Digital Nomads

Caparica. A associação, constituída em julho de 2021 com o objetivo de estabelecer uma comunidade de nómadas digitais – à semelhança do projeto pioneiro homólogo iniciado por Gonçalo Hall na Madeira (Ponta do Sol) –, além de fomentar o convívio e a integração na comunidade local – através de jogos de futebol, de voleibol, aulas de surf e de yoga ou caminhadas – gere uma plataforma de comunicação *online*, a Discord, com cerca de 600 membros, e agrega vários parceiros que tornam possível a existência de espaços de trabalho – *coworking* – e de habitação – *coliving* – partilhados.

Allan Sousa, um dos fundadores da Digital Nomads Caparica, afirma que "os nómadas digitais procuram um

local que lhes proporcione um estilo de vida em contacto com a natureza, com qualidade de vida e, ao mesmo tempo, vão criar valor e contribuir para o desenvolvimento do território onde se instalam. É algo vantajoso para ambas as partes. Todos ganham".

A localização privilegiada junto ao mar, a existência de um importante polo universitário no concelho e a proximidade à capital fazem da Costa da Caparica o local de eleição dos nómadas digitais.

"O que mais gostamos aqui é a comunidade local e internacional",

justifica Ioannis Avramidis, 30 anos, com família holandesa e grega. "Praia e locais para fazer surf podemos encontrar em muitos sítios, mas aqui encontramos algo único, que nos liga. Por exemplo, uma vez por semana jogo futebol com pessoas da comunidade local e nómadas digitais que, tal como eu, vivem na Costa." Foi a pandemia que fez Ioannis começar a trabalhar à distância. "É o melhor equilíbrio entre a vida pessoal e profissional", revela. Depois de uma estadia no sul da Grécia, o responsável pelo marketing numa empresa belga que comercializa cerveja artesanal e a namorada – fotógrafa francesa *freelancer* –, decidiram conhecer outra região no sul da Europa. A Costa da Caparica foi a escolha ideal: "gostamos de estar em contacto com a natureza e o mar, mas perto de uma grande cidade com animação noturna como Lisboa".

Os nómadas digitais residentes no concelho são, na sua maioria, franceses, alemães, holandeses e ingleses, mas por Almada já passaram jovens profissionais de mais de 30 diferentes nacionalidades.

Apesar de ser uma tendência cada vez mais presente no mundo empresarial "ainda há algum receio por parte dos empregadores portugueses, embora já comecem a surgir alguns modelos híbridos", aponta Diogo Fraga que, com apenas 23 anos, trabalha em marketing digital para uma empresa norte-americana, a partir da Costa da Caparica. Continuar a viver junto ao mar e a gerir os seus horários são os objetivos do jovem, que elege o sul de França como uma das próximas paragens. Especialista em *software*, Klára Cmuchova, 32 anos, oriunda da República Checa, veio morar para Lisboa há quatro anos, depois de uma passagem profissional pela Finlândia. O acolhimento caloroso que sentiu quando

esteve em Portugal para participar numa conferência esteve na origem da decisão. No final de 2021, comprou uma casa na Costa da Caparica, onde pretende estabelecer as suas raízes e "criar um negócio ligado à comunidade". Neste momento, Klára está a desenvolver um projeto eco-sustentável, em parceria com a embaixada finlandesa e a Administração do Porto de Lisboa,

que consiste na instalação de uma sauna junto à praia. "Quero contribuir para a dinamização da margem sul do Tejo, proporcionando uma experiência diferente durante o inverno." A primeira sauna vai abrir ao público no Barreiro já no próximo outono. "O objetivo é alargar este conceito a outros espaços como a Costa da Caparica."

O Nómada Digital

- Jovem, entre os 25 e os 40 anos, altamente qualificado
- Trabalha remotamente em tecnologias de informação, design ou marketing digital
- Procura um destino urbano com qualidade de vida
- Vive integrado na comunidade local, mas

- tem maior poder de compra
- Gosta de consumir produtos locais, cultura e experiências
- Reinveste na comunidade através da criação de pequenos negócios com sede local ou de voluntariado



PARQUE URBANO
**COSTA DA
CAPARICA**

O SOL DA CAPARICA

FESTIVAL 22

11
12
13
14
15
AGO
2022

NOVAS CONFIRMAÇÕES

DIA 11 QUINTA

**PURO ROCK
VIRGUL**

PALCO ELETRÓNICO

**DIEGO
MIRANDA**

PALCO COMÉDIA

MIGUEL NEVES

DIA 14 DOMINGO

**BATEU MATOU
CONJUNTO CUCA MONGA
DYNAMO
GABILY
MISHLAWI**

PALCO ELETRÓNICO

**KURA
KEVU
VUDDU**

DIA 12 SEXTA

**ALCOOLÉMIA
HMB
MANINHO
MÃO MORTA
NOWHERE TO BE FOUND
RUI ORLANDO**

PALCO ELETRÓNICO

**DANNI GATO
HUGO TABACO**

PALCO COMÉDIA

IOÃO PINTO

**MAIS ARTISTAS
A ANUNCIAR
BREVEMENTE!**

DIA 13 SÁBADO

KADY E AMIGOS

PALCO ELETRÓNICO

**KARETUS
AFROKILLERZ
OLGA RYAZANOVA
ZULLU**

PALCO COMÉDIA

VASCO ELVAS

DIA 15 SEGUNDA

**BONGA E CONVIDADOS
CARLÃO
JOSÉ CID
PAPILLON
VADO MÁS KI ÁS
YURI NR5**

PALCO ELETRÓNICO

**DIEFF
VANCO**

PALCO COMÉDIA

RUI XARÁ

Bilhetes à venda em
www.festicket.com | www.blueticket.meo.pt
e nos locais habituais

ORGANIZAÇÃO
E PRODUÇÃO

CMA

Ghiado

PATROCINADOR

KAVI

**SUPER
BOCK**

PARCEIROS

CULTURA

**SMAS
ALMADA**

WeMob

BaixoTejo

PARCEIROS
MÉDIA

RFM

RTP

RDP ÁFRICA

DN

**O Jornal
Económico**

M1

**AFRO
MUSIC**

**GLDOM
channel**

M6